

JORNAL DE MEDICINA DE PERNAMBUCO

JMP

AGO/2016



MEDICINA ALÉM DOS REMÉDIOS

Médicos focam na qualidade para tratar problemas relacionados a dor e distúrbios psiquiátricos.



livraria cultura

Parceria

10% de desconto
em livros

5% Cds, DVDs, jogos e demais
categorias oferecidas



AMPE
ASSOCIAÇÃO MÉDICA DE PERNAMBUCO

Descontos válidos apenas para associados em dia com as mensalidades .
Válido nas lojas físicas do Shopping Riomar e
Paço Alfândega, e não cumulativos com outras promoções.
Não estão incluídos nesta parceria produtos da marca KOBO,
consoles de videogame, livros didáticos e cursos do Cultura em Curso.



Caros associados, neste mês de agosto de 2016, nosso país encontra-se numa dinâmica atípica, maravilhado com os jogos olímpicos pela primeira vez na sua história, a cidade do Rio de Janeiro brilhou, com a presença de atletas de todo o mundo, que se prepararam para competir, e muito mais que a conquista de vitórias, viveram, cada um, os seus momentos de sonhos e realizações, o amor a sua pátria e exemplos de superações.

Paralelo a toda festa, vivemos momentos de angústias e decisões sobre o destino do Brasil, sendo diariamente surpreendidos com a corrupção descabida, de homens e mulheres que desconsideraram os objetivos de honestidade e da ética, na esfera pública e privada, permitindo e trazendo prejuízos incalculáveis para o futuro de gerações de brasileiros. Hoje a reflexão sobre o nosso papel como categoria, e sendo dirigente de uma das Entidades Médicas do nosso Estado, que exemplo para toda a categoria médica, seguem unidas e permanecendo no palco da luta para que a saúde seja tratada como uma questão de Estado, com a responsabilidade de uma gestão competente, com financiamento adequado, na verdadeira e justa valorização do SUS, o qual representa muito mais que Governos, gestores ou políticos. Para os milhões de brasileiros representa a assistência à saúde que anseiam para o presente e na visão do futuro que seus filhos irão buscar.

Nesta edição do nosso Jornal, trazemos as homenagens prestadas na solenidade comemorativa dos 175 anos, da nossa Associação, a entidade médica mais antiga do Estado, vivendo sua história, com a entrega da Medalha Maciel Monteiro, a três médicos pernambucanos que se destacaram pela ética, compromisso com a saúde e com a formação médica, Dra. Katia Petribu, e os Doutores Miguel Arcanjo e Sérgio Montenegro, e mais uma edição especial da medalha em reconhecimento aos nossos representantes nacionais,

que nas batalhas diárias e contínuas pela medicina do nosso país, nos representam tão bem, os Presidentes da Associação Médica Brasileira e do Conselho Federal de Medicina, os Doutores Florentino Cardoso e Carlos Vital, que nos honraram com suas presenças.

Mais uma edição do Prêmio Diva Montenegro, aos estudantes que se destacaram nas suas Universidades e Faculdades, que representam o futuro da ciência médica, nos mostra o valor do conhecimento e da produção científica.

Nos temas apresentados nesta edição, destacamos "o setembro amarelo" mostrando a complexidade e necessidade de uma abordagem ampla, para prevenção do suicídio com ações envolvendo Entidades Médicas e sociedade.

O futuro nos aponta para novas tecnologias e tratamentos além do imaginado, e nosso Estado avança, sem esquecermos os caminhos da ética e do compromisso, como visualizamos nas matérias sobre dor e a ampliação de novas frentes de estudos e assistência da Universidade Estadual de Pernambuco.

Nosso associado e ex-presidente Dr. Gildo Benício, mais uma vez, nos brinda com mais um nome de destaque da medicina pernambucana Dr. Everton Botelho, professor e mestre na arte da psiquiatria.

Assim, a Associação Médica de Pernambuco, cumpre seu papel na história da medicina do nosso Estado, lutando e sonhando com dias melhores, para que a justiça se faça presente na busca do futuro que desejamos com a valorização do SUS, na qualidade da formação médica e na assistência à saúde digna para cada um dos brasileiros, como princípios éticos e de responsabilidade, e não mais projetos e ações temporárias, independentemente dos Governos ou partidos políticos, que estejam no poder.

NOTAS ◦ AMPE 175 ◦ ARTIGO - PREVENÇÃO DO SUICÍDIO ◦
CAPA: AMBULATÓRIO DE PSIQUIATRIA DA UPE - NEUROMODULAÇÃO - AMBULATÓRIO DA DOR, UFPE
CULTURA ◦ EXPOENTES DA MEDICINA

Expediente

Diretoria

Presidente: Helena Maria Carneiro Leão

1º vice-presidente: Anacleto Rodrigues de Carvalho / 2º vice-presidente: Maria do Carmo Lencastre Menezes Dueire Lins e Cruz

3º vice-presidente: Sirleide de Oliveira Costa Lira / Secretária Geral: Jane Maria Cordeiro Lemos

1ª secretária: Nair Cristina Nogueira de Almeida / 2ª secretária: Feliciano Abdon Araújo Lima

1º tesoureiro: Marília de Moraes Delgado / 2ª tesoureira: Sílvia da Costa Carvalho Rodrigues

Conselho editorial

Dra. Nair Cristina Nogueira de Almeida / Dra. Sirleide Lira / Dr. Gildo Benício

Dr. Gilson Edmar Gonçalves e Silva / Dra. Selma Vasconcelos

Diagramação / Jornalista Responsável - Antonio Gomes DRT/PE 3689

Associação Médica de Pernambuco, Rua Osvaldo Cruz, 393, Boa Vista – Recife/PE, CEP: 50055-220 – Fone: 3423.5473 Fax: 3423.6186
E-mail: somepe.ampe@hotmail.com / comunica@ampe-med.com (imprensa) / www.ampe-med.com

Jornal de Medicina de Pernambuco / agosto-2016
Distribuição gratuita. Tiragem: 2000



Juarez Monteiro Molinari, 3º Vice-presidente da ABRAMET, Associação Brasileira de Medicina do Tráfego, visitou a AMPE em mais uma etapa de divulgação do trabalho empenhado a frente da Instituição.

Em Pernambuco, Junto à Ana do Carmelo, médica com especialização em medicina do trabalho e representante da federada em Pernambuco, Juarez vem tentando sensibilizar as entidades para que despertem em seus associados a importância de se especializar, e principalmente os que já estão atuando na área, se atualizarem.



Presidente da ABRAMET visitou a AMPE



CFM aprova manifesto a favor de políticas regulatórias para o cooperativismo médico

A aprovação urgente de marcos regulatórios para impedir abusos na prescrição e na comercialização de dispositivos médicos implantáveis (DMI), como órteses e próteses, é uma das principais reivindicações do “Manifesto do cooperativismo médico – Em defesa da qualidade na assistência à saúde”, aprovado em junho no VII Fórum Nacional de Cooperativismo e referendado pelo plenário do Conselho Federal de Medicina (CFM).

Dra. Sirleide Lira representou a AMPE no evento.

Em junho, a AMB promoveu a reunião do Conselho Deliberativo em São Paulo. Representando a AMPE no evento, Helena Carneiro Leão, Presidente, e Nair Cristina, Primeira Secretária. Também participou a Secretária Geral da AMPE, Jane Lemos como Diretora Cultural da AMB.

O Presidente do CFM, Carlos Vital também participou do evento, Junto ao Presidente da AMB, Florentino Cardoso.



Diretoria da AMPE participou de reunião na AMB



AMPE esteve presente no lançamento da Frente Parlamentar de Medicina.

A presidenta da AMPE, Helena Carneiro Leão participou do lançamento da Frente Parlamentar de Medicina no Congresso Nacional. Estiveram presentes cerca de 120 representantes das entidades médicas de todo o país. O grupo de trabalho contou com a participação da AMB, CFM, Entidades Sindicais Nacionais, AMBr, AMMG, APM, Sociedades Nacionais de Anestesiologia, Oftalmologia e Ortopedia, Federação das Academias de Medicina, Animer, e três deputados, Lelo Coimbra, Conceição Sampaio e Henrique Mandetta. O senador Ronaldo Caiado também esteve presente.



ESEM realizou a VII edição do curso de atualização em ética e bioética para residência médica

A Escola Superior de Ética Médica (ESEM) do Cremepe realizou a 7ª edição do curso de atualização em ética e bioética para residência médica no Mar hotel, em Boa Viagem. O curso tem a parceria da Comissão de Estadual de Residência Médica (Cerem/PE) e o apoio do Conselho Federal, Sindicato dos Médicos de Pernambuco (Simepe) e Associação Médica de Pernambuco. É a oportunidade que os residentes têm de revisar as normativas da profissão através do Código de Ética e a atuação das entidades na fiscalização do ético exercício profissional. O evento realizado pelo Cremepe teve o apoio da AMPE.



Nova turma de cuidadores de idosos

A AMPE, o Buscavida, e o Instituto de Geriatria e Gerontologia de Pernambuco (IGGPE) iniciaram a terceira edição do Curso de Cuidadores de Idosos.

Para Antonio Rodrigues, diretor do Buscavida, o curso é importante tanto para quem já trabalha na área, buscando se profissionalizar e ganhar mais experiência, quanto para iniciantes, que terão uma abordagem ampla e prática.

“Há dois anos trabalho com uma paciente que tem Alzheimer e me interessei em vir, pois vale a pena a qualificação, porque depois dela poderá vir outras com a mesma doença, ou não e já estarei bem especializada sobre isso”, relatou a aluna Maria José da Silva.

Pelo quarto ano a AMPE, através da Comissão de Assuntos Socioculturais realizou o curso sobre comportamento e etiqueta profissional, proferido pela cerimonialista Tatiana Marques.

Em mais de três horas do evento, através de imagens ilustrativas e exemplos do dia a dia, a palestrante trouxe detalhes os quais pouco são percebidos, ou não se tem a real noção de impacto. Um acessório inadequado, uma roupa mal cuidada e a falta de gentileza em algumas vezes fazem uma grande diferença.



Quatro anos de sucesso do curso
Comportamento e Etiqueta Profissional



Show de Sofia Freire encanta
o público na AMPE

A cantora Sofia Freire se apresentou em maio na AMPE com seu álbum Garimpo. Em mais de uma hora de show, a multiartista dominou o palco e conquistou o público com seu estilo mesclado de eletrônico e erudito.

O espetáculo mostrou que merecidamente Sofia se destaca entre os principais nomes jovens da música pernambucana. Uma joia garimpada e lapidada com dedicação e profissionalismo.

Sofia, como em navegante, uma de suas músicas, saiu da baía e lançou-se ao mundo para buscar suas próprias histórias.

Na palestra realizada na sede da Associação Médica de Pernambuco, o Procurador Federal, Márcio Torres esclareceu o público cada uma das 10 medidas que o MPF sugere que sejam adotadas para que se previna e se puna crimes de corrupção no país.

O evento organizado pelas três entidades médicas estaduais, AMPE, Cremepe e SIMEPE buscou informar aos profissionais a importância de caminharem juntos a favor destas medidas.



Palestra mostrou a importância de apoiar as
10 medidas contra a corrupção



AMPE homenageia médicos
associados em evento duplo

Associação Médica de Pernambuco através da Comissão de Assuntos Socioculturais coordenada por Sirleide Lira realizou mais uma edição do Chá com Prosa, evento que homenageia os médicos jubilados de cada ano, e também houve a primeira edição do Filho de Peixe, onde os pais com filhos médicos também tiveram reconhecimento por passar a frente sua dedicação a profissão.



Medalha Maciel Monteiro E Prêmio Diva Montenegro

2016



A

Associação Médica de Pernambuco comemorou seus 175 anos em 08/04, com a entrega da Medalha Maciel Monteiro, Homenagens, e o Prêmio Diva Montenegro.

Helena Carneiro Leão, Presidente da AMPE, celebrou a presença dos representantes das entidades médicas nacionais e estaduais na cerimônia, da que é hoje a mais antiga entidade médica em atuação no país. “Me sinto honrada em dirigir a associação neste momento tão especial”.

Ao discursar em nome da AMPE, a Dra. Nair Cristina ressaltou o orgulho que o fundador, Maciel Monteiro, sentiria ao ver a medalha que leva seu nome entregue aos profissionais homenageados. Este ano, o cirurgião Miguel Archanjo dos Santos Júnior, a psiquiatra Kátia Cristina Lima de Petribú, e o cardiologista Sérgio Tavares Montenegro, foram os agraciados com a Medalha pelas suas carreiras dedicadas ao bom exercício da medicina.

“O ponto comum: desempenho impecável de suas carreiras, extrapolando suas funções, visando atingir a seus ideais que, para nossa sorte, são o que mais desejamos encontrar em cada médico pernambucano.” Finalizou Nair.

Em nome dos agraciados, A Dra. Kátia Petribú recordou a trajetória do patrono da medalha, e os critérios aos quais os nomes escolhidos passam para recebê-la. Kátia citou um texto do escritor Fernando Sabino, onde mostra o valor que a medalha propicia aos seus portadores. “O valor da coisas não está no tempo que elas duram, mas na intensidade com que elas acontecem. Por isso existem momentos inesquecíveis, coisas inexplicáveis e pessoas incomparáveis” ressaltou a homenageada e finalizou: “Por isso este momento para nós é assim, intenso e incomparável”.

Foram homenageadas no evento a AMB, através do presidente, Dr. Florentino de Araújo Cardoso Filho, e o CFM, através do presidente, Dr. Carlos Vital Tavares Corrêa Lima,

pelos serviços prestados à classe médica.

Florentino Cardoso falou sobre o Dia Mundial da Saúde (07), com o tema diabetes escolhido, este ano, para mostrar a preocupação que se tem sobre esta doença, que já atinge 1 em cada 10 brasileiros. “A educação é fundamental para mudar esses quadros na saúde”, afirmou.

Já Carlos Vital parabenizou os três médicos agraciados com a medalha que, segundo ele, leva o nome de um médico ideal, com sua liderança, pioneirismo e exemplo de homem público, em contraste com os dias de hoje do país. “Temos duas prioridades hoje, a erradicação da corrupção, e o fim da cultura da impunidade.” Finalizou.

O Prêmio Diva Montenegro, entregue desde 2007, este ano contemplou os estudantes Alberto Gorayeb de Carvalho Ferreira (FPS), Ana Carolina Gomes Silva (UPE) e Mychele Szenberg Carneiro Campelo (UFPE).

O Prêmio é um incentivo a pesquisa científica, e aproximação dos futuros médicos a associação que se constitui um patrimônio da medicina de Pernambuco.

Diva Montenegro tinha um vasto currículo com intensa atividade científica. Era Professora Assistente do Departamento de Doenças Infecciosas da Faculdade de Medicina da UFPE, fez inúmeros cursos no Brasil e no exterior, participou de todos os congressos de microbiologia de 1961 a 2000, ministrou cursos, publicou trabalhos e sempre procurou introduzir em sua rotina laboratorial novos conceitos e técnicas.

No encerramento da cerimônia, o coral da Unimed Recife cantou sucessos como, pela luz dos olhos teus e falando de amor.

Compôs a mesa de honra da noite, a presidente da AMPE, Helena Carneiro Leão; o presidente do Cremepe, André Dubeaux; Mário Fernando Lins representando o SIMEPE; o presidente da APM, Gentil Porto; Sirleide Lira representando a FECEM, e os presidentes do CFM, Carlos Vital e da AMB, Florentino Cardoso.





Nair Cristina, oradora em nome da AMPE, estudantes: Alberto Gorayeb de Carvalho Ferreira (FPS), Mychele Szenberg Carneiro Campelo (UFPE), e Ana Carolina Gomes Silva (UPE)
Fotos: Giovanni Chamberlain

Encontro pré-medalha

Na tarde do dia 08/04, o presidente da AMB, Florentino Cardoso e Emilio Zilli, diretor de defesa profissional, se reuniram com a direção da AMPE em um almoço, onde foram debatidos alguns temas de interesse da classe médica.

"Durante a reunião, o tema dominante foi a crise política. Aos aspectos que cabem à saúde, foi relatado o caos pelas emergências em todo o país. "Não há como melhorar com o governo que aí está", afirmou Florentino. Ele ainda reforçou que a atenção básica deve ser valorizada para que não se tenha este tipo situação.

Discorreu também sobre a valorização da residência médica e a precarização do ensino de medicina ao permitir a abertura de cursos sem qualidade.

Apontou a integração entre as duas entidades (AMB/CFM) como um ponto forte na luta pelos direitos da classe no Congresso Nacional. "Lutamos por ideais, e não por gostos pessoais".



Foto: Antonio Gomes/AMPE

Ainda falou da entidade e suas federadas, que buscam se integrar e planejar eventos científicos em conjunto.

Ao final a presidente da AMPE, Helena Carneiro Leão, agradeceu a vinda do presidente e falou um pouco da história da associação, que no mesmo dia celebrou seus 175 com a medalha Maciel Monteiro. O Dr. Florentino, em nome da AMB, foi um dos homenageados.

**Baixe a edição comemorativa
com discursos dos últimos 10 anos
da Medalha Maciel Monteiro**





Suicídio: Prevenção

Por Jane Lemos

Segundo a Organização Mundial de Saúde (OMS), o suicídio constitui problema de saúde pública, vitimando cerca de 1 milhão de pessoas, anualmente, no mundo. As estimativas mostram que para cada suicídio, existe pelo menos dez tentativas suficientemente sérias para acompanhamento médico e terapêutico. O ato suicida é consequência de um processo complexo requerendo uma abordagem sistêmica, razão pela qual estudos de Durkheim consideraram o suicídio como um processo de construção coletiva, portanto, pode-se considerar que o tema requer uma visão e atuação interdisciplinar.

Revisão da literatura por Beston, aponta para intrínseca relação entre ideação, tentativa e concretização do ato suicida. Enquanto Forsell e alunos apontam a relação entre ideação e depres-

são com dependências diversas, institucionalização e uso de drogas psicotrópicas. No entanto, esta questão ainda é pouco investigada e relatada.

A literatura aponta relação entre transtornos mentais e suicídio entre pessoas idosas - com mais de 65 anos - nas diversas sociedades se revestindo de grande importância, atingindo 24,3/100.000 e as tentativas de suicídio, 61,4/100.000.

Pode-se considerar o suicídio como um evento complexo com múltiplas causas, embora alguns pesquisadores apontem transtornos afetivos, principalmente depressão. No entanto, o que se constata, é uma dificuldade das pessoas lidarem com alguém que fez uma tentativa de suicídio. Por outro lado, há uma também uma resistência em lidar com pessoas que falam em suicídio, pois entendem que não pretendem consumir, é apenas

uma forma de chamar atenção. Na realidade, isto deve ser visto como um pedido de ajuda, segundo Mônica Kather, voluntária da ONG Centro de Valorização da Vida. Macedo, psicanalista especializado em suicídio e professor da PUC/RS, destaca a importância da ONG Centro de Valorização da Vida (CVV), criada em 1962, pelo seu trabalho na prevenção do suicídio.

Os fatores de risco do suicídio, citados por Prieto & Tavares, como ligados à saúde mental são: desordens do humor – depressão, transtorno psicótico como esquizofrenia, abuso de drogas e/ou álcool, história familiar de suicídio, perda de relacionamentos afetivos, acesso a medidas letais como arma de fogo, confinamento, prisões, etc. O fenômeno do suicídio exige um olhar específico para intervenção em crise, contextualizada por múltiplos fatores, devendo citar a importância de se contar com o suporte de uma rede de atenção.

Tendo em vista a complexidade e relevância deste tema, a Organização Mundial de Saúde definiu o mês de setembro como o mês amarelo de prevenção, sendo o dia 10 adotado como o Dia Mundial de Prevenção ao Suicídio.

Em Pernambuco, as entidades médicas, sempre atentas à problemática da população e dos médicos, tem demonstrado preocupação com o suicídio, especialmente considerando o fato de, em poucos meses, sete médicos cometerem suicídio, a maioria no interior do estado.

Diante deste lamentável fato, as entidades médicas: Associação Médica de Pernambuco – AMPE, Conselho Regional de Medicina de Pernambuco – CREMEPE, Sindicato Médico de Pernambuco – SIMEPE e Sociedade Pernambucana de Psiquiatria – SPP, decidiram realizar o primeiro simpósio sobre suicídio no dia 03 de setembro do corrente ano, das 08:30 às 17:00, no auditório da sede do CREMEPE (Conselho Regional de Medicina, nº 203, Espinheiro).

Os temas tratados no evento serão: “Suicídio entre médicos: Qual a realidade?” Contando com a Prof.ª Alexandrina Meleiro (USP), Discussão de casos clínicos - Coordenação: Prof.ª Katia Petribu (UPE) e Dra. Jane Lemos (Ex. Prof.ª UPE) - Depressão na prática clínica - Prof. Antônio Pelegrino (UPE) - Intervenções Psicoterápicas ante pacientes com risco de Suicídio Luciana Groppo (UPE). Participação de representante da ONG CVV – Centro de Valorização da Vida.

Este evento tem como público alvo os médicos não psiquiatras. Desta forma contamos com a participação expressiva dos médicos e outros profissionais de saúde.

Pode-se considerar o suicídio como um evento complexo com múltiplas causas, embora alguns pesquisadores apontem transtornos afetivos, principalmente depressão.

SIMPÓSIO SOBRE SUICÍDIO



Promoção:

03 de setembro

8:30 - Conferência de abertura
Suicídio entre médicos: qual a realidade?

Profa. Alexandrina Meleiros (Usp)

PALESTRANTES

Profa. Dra. Alexandrina Meleiros (SP)

Prof. Dr. Antonio Peregrino (PE)

Profa. Luciana Groppo, psicóloga (PE)

Exposições Teóricas:

Discussão casos clínicos; Abordagens Psicoterápicas.

Coordenação:

Prof.ª Kátia Petribu e Jane Lemos

Inscrição gratuita:

e-mail: escoladeetica@cremepe.org.br

Fones: 2123.5777 / 3423.5473

Hora: 8 às 17h

Local: Auditório do CREMEPE

(Rua Conselheiro Portela, 203 - Espinheiro - Recife/PE)



ORGANIZAÇÃO. A CHAVE PARA UM BOM ATENDIMENTO



Dr. Antonio Peregrino, psiquiatra e professor/Foto: Antonio Gomes, AMPE

O ambulatório de Psiquiatria do Hospital Universitário Oswaldo Cruz atualmente é um dos maiores, se não o maior, do Estado de Pernambuco e vem atendendo um enorme contingente de pacientes que não precisam de internação especializada ou presença diária em Centro de Atenção Psicossocial – CAPS. Em virtude do aperfeiçoamento das técnicas clínicas – psicofarmacológicas e psicoterápicas – nas últimas décadas, houve uma queda da necessidade de internações na Psiquiatria. São reservadas, atualmente para situações agudas de maior gravidade, o que representa contingente menor de pacientes em relação ao passado. Em suma, doenças que eram antes tratadas no hospital, até mesmo as mais graves, já são passíveis de serem acompanhadas em ambulatório.

Com coordenação do Prof. Antonio Peregrino e staff psiquiátrico do hospital Universitário Oswaldo Cruz, formado por ele, Kátia Petribu, Daisy Pontual e Horton Coura, o ambulatório funciona com uma equipe multidisciplinar (psicologia, enfermagem especializada, serviço social, terapia ocupacional) e conta com 15 residentes em psiquiatria.

Em 46 ambulatórios semanais, têm sido atendidos, em média, 600 a 700 pacientes por mês. A equipe reúne-se semanalmente para discussões de casos clínicos visando otimização de condutas. Em muitas ocasiões examinam-se casos em equipe.

Com o desafio de ser o maior ambulatório de psiquiatria de Pernambuco, mesmo não estando dentro de um hospital psiquiátrico, a organização procurou colocar regras para que se otimizasse o padrão de atendimento. Por exemplo, cada paciente é atendido com dia e hora já marcados, como ocorre em um consultório particular. Quando não podem vir, enviam e-mail ou telefonam para agendar nova marcação.

Os maiores beneficiários são a população do interior do Estado que não precisam se deslocar até o hospital para comunicar ausência ou remarcar.

A qualidade no atendimento vem gerando uma demanda maior pelo ambulatório. Segundo o Dr. Antônio Peregrino, a lista é grande, mas organizada em lista de espera. Havendo altas, desistências ou chegada de novos médicos, a equipe entra em contato, encaixando novos pacientes.

“Geralmente a doença psiquiátrica é crônica e exige um tratamento prolongado, um acompanhamento de longo prazo. Dependendo do caso vemos o paciente entre 15 a 30 dias.” Alertou Peregrino.

“Com as deficiências nos municípios e no estados eles ficam sabendo do ambulatório e acabam por vir nos procurar.”

Na equipe de Terapia Ocupacional tem-se trabalhado na cognitiva do paciente. Em um quadro de esquizofrenia, por exemplo que ao longo do tempo compromete muito a cognição, isso é particularmente importante.

A psicologia, aponta o Prof. Peregrino, é de fundamental importância para aprimoramento na melhora clínica e de qualidade vida.

O serviço social auxilia em diversas situações nas quais seja necessário um estudo social ou orientações para a família do paciente.

Ainda existe uma enfermagem psiquiátrica atuante no sentido de organização e atenção às situações em atendimento. Todos eles participam das reuniões.

“Com toda a equipe trabalhando em harmonia, a organização que criamos, passa a ser reconhecida, e vivemos esse dilema de limitar – embora com número alto de atendimentos – para manter a qualidade do serviço universitário”

Especializando o tratamento

O ambulatório do HUOC já conta com ambulatórios especializados: o primeiro atende aos pacientes com Transtorno Obsessivo Compulsivo (TOC), e existe outro para atendimento das mães de filhos com microcefalia. Essas mães podem apresentar um quadro de ansiedade ou depressão decorrente do situação de estresse, ou mesmo outras já era portadoras de problemas psíquicos agravados posteriormente, e algumas sendo estudadas em casos que o próprio Zica pode desencadear quadros de TOC.

Em breve o ambulatório terá seu terceiro atendimento especializado. Passará também a atender transtornos masculinos (nasceram com sexo designado feminino e serão transexualizadas para o masculino).

Segundo Peregrino, os ambulatórios especializados constituem uma tendência mundial. “Ajudam a entender melhor cada uma das enfermidades e também são fonte de estudos e pesquisas.”

Na pesquisa, entre outras, o ambulatório faz parte de um estudo multicêntrico para validar para o Brasil uma escala de sintomas da esquizofrenia. Igualmente se prepara para estudo de fármaco a ser lançado no Brasil dentro de alguns anos.

“Ainda contamos com várias teses de mestrado e doutorado entre outros estudos de iniciação científica.”

Automedicação em psiquiatria

Os profissionais lutam para oferecer atenção médico-psiquiátrica o que, além de tratar adequadamente os transtornos mentais de quem procura o ambulatório, evita a popularização indevida da automedicação. Uso de ansiolíti-

cos tem sido observado muito frequentemente como algo de decisão própria (automedicação) o que pode levar a dependência e outros fatores de complicação clínica.

O álcool também é uma droga usada em larga escala para muitas vezes disfarçar algum problema. Além dos prejuízos sociais levará o usuário a dependência.

“Esse uso tanto do álcool, quanto ansiolíticos, decorre em parte da falta de acesso ao serviço de qualidade e buscam minimizar os sintomas de um problema maior, já que não encontra uma orientação adequada.”

Para o professor, as doenças mentais deveriam ter mais espaço para serem discutidas na sociedade para que se dissipasse ideias erradas sobre o serviço psiquiátrico. “Muito do bullying que as crianças enfrentam tem a ver com transtornos mentais, TDAH, autismo. Os colegas chamam de malucos ou birutas, virando motivo de chacota.” Completou.

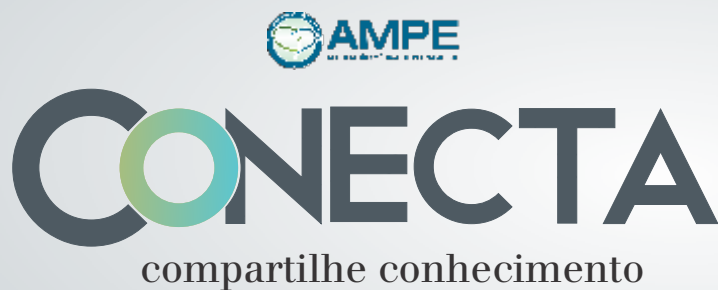
Resultados

A grande demanda é de pessoas com depressão, onde cerca de 65% dos pacientes mostram resultados satisfatórios com medicação. Outro transtorno comum é o de ansiedade.

“Em breve nossa farmácia distribuirá também os medicamentos de alto valor, não precisando os pacientes se deslocarem até o centro para pegá-los.” Comemorou.

Outros tratamentos que utilizamos é a terapia psicossocial, grupos de terapia cognitivo comportamental e terapia ocupacional.

As interfaces usadas no ambulatório já se mostram bem sucedida nos tratamentos que agora com uma organização mais rigorosa pode dar mais tranquilidade tanto aos profissionais, quanto aos pacientes.



Em 2014 a AMPE iniciou o projeto “**CONECTA**”, com o objetivo de abrir as portas da instituição para os pesquisadores pernambucanos.

Conecta é mais um forma de valorizar de forma permanente os nossos profissionais, sejam eles formados ou estudantes, com o intuito de aproximar a produção acadêmica dos demais profissionais de saúde e da população.

Agora, o projeto também engloba ideias criativas aplicadas tanto na rede privada quanto pública.

Para envio de resumos, ideias, mais esclarecimentos ou sugestões, enviar pelo email: comunica@ampe-med.com



ABRINDO JANELAS TERAPÊUTICAS

A estimulação magnética transcraniana, já não é algo novo no resto do mundo, mas no Brasil vem ganhando aos poucos espaço e confiança. Em 2011, a utilização da técnica foi aprovada pela Agência Nacional de Vigilância Sanitária (Anvisa), o Conselho Federal de Medicina (CFM) e a Associação Médica Brasileira (AMB).

Em Pernambuco especificamente, ainda são raros os espaços que oferecem este tipo de serviço, que ainda enfrenta o desconhecimento da população e boa parcela da classe médica e outras áreas da saúde.

A neuromodulação pode ser executada de duas formas: a invasiva, através de implantes de eletrodos, bombas de medicamento, e também marca-passos.

A segunda é a forma não invasiva, a qual iremos tratar nesta edição.

Já há uma base muito sólida com diversos artigos descrevendo através de evidências científicas que a neuromodulação através da estimulação magnética pode auxiliar na melhora do quadro de depressão, dor crônica (com evidência nível A), alucinação auditiva, transtorno bipolar, recuperação pós-avc. Há muitos casos positivos, mas cada indivíduo responde de uma forma diferente.

Outras doenças que vêm apresentando resultados é a melhora na demência de Alzheimer, demência senil, crianças com dificuldade de linguagem.

Primeiros passos

Antes de se procurar o procedimento, o paciente deve passar por uma avaliação com seu especialista, seja ele neurologista, psiquiatra, fisioterapeuta, geriatra, entre outros, e em seguida, passar por uma triagem na clínica onde será feito o procedimento para saber se de fato tem a indicação.

“Nós aqui na NeuroMod deixamos sempre bem claro que o procedimento não serve para todo tipo de problema, não é uma solução milagrosa, por isso o paciente que se trata aqui tem que ter vindo indicado por um profissional”, alertou a neurologista Valéria Salazar uma das sócias da NeuroMod, clínica de neuromodulação no Recife.

O alerta é válido, já que há outras formas de tratamento que vão alcançar os resultados desejados, sem necessariamente tenha que passar pelo procedimento.

“A neuromodulação é indicada quando o paciente já tenha sido submetido a outros tratamentos convencionais e não tenha obtido resposta adequada” Informou a Dra. Kátia Monte-Silva, Fisioterapeuta, Coordenadora do Laboratório de Neurociência Aplicada da Universidade Federal de Pernambuco, e Doutora em neuromodulação pela Georg August Universität-Göttingen/Alemanha.



A técnica é empregada seguindo protocolos já descritos na literatura. Cada doença tem um protocolo específico quanto à intensidade da corrente ou do campo magnético, número de sessões e a região a ser aplicada. Tudo isso é estabelecido na avaliação inicial. Ajustes poderão ser feitos no período de tratamento, de forma que seja alcançada a melhor resposta para cada paciente.

“O que fazemos aqui é justamente ir além do âmbito das pesquisas. Nestas os tratamentos estão amarrados a protocolos pré estabelecidos, não permitindo ajuste do procedimento de forma individualizada às necessidades de cada paciente, de acordo com a resposta no decorrer do tratamento. Na NeuroMod temos essa flexibilidade” Falou a Dra. Raquel Goldstein, neurologista, professora adjunta da UFPE e também sócia da NeuroMod.

Resistência a novidades

O desconhecimento de muitos profissionais ainda limita a expansão dos serviços que utilizem a neuromodulação aqui em Pernambuco.

A neuromodulação otimiza as respostas aos fármacos e aos tratamentos de reabilitação como fisioterapia, fonoaudiologia, terapia ocupacional, entre outros.

Diferente de um fármaco que age de forma sistêmica, a técnica, não invasiva, estimula a área do cérebro relacionada àquela função que está comprometida.

Dores crônicas como a fibromialgia, dores neuropáticas, sequelas de acidente vascular cerebral, motoras e de linguagem, depressão do humor, demência, zumbido, entre outros, são quadros clínicos passíveis de tratamento com a Neuromodulação.

A tendência é que aos poucos, os profissionais da área de saúde busquem se informar sobre o procedimento, através da literatura científica, diminuindo a resistência para o emprego da técnica.

Respostas

A neuromodulação não invasiva tem mostrado resultados positivos em muitas doenças como as citadas acima. Em muitos casos as respostas já são vistas após as primeiras sessões, sendo necessário um ajuste na dose do fármaco do paciente (por exemplo, redução na dose do antidepressivo), devendo isso ser feito pelo médico assistente.

Outros casos bem sucedidos são de pessoas com distúrbios de fala pós-AVC. Muitos desses pacientes passam por um isolamento social, por dificuldade de comunicação. Após algumas sessões, muitas vezes, já se pode ver uma resposta onde o tratamento convencional não consegue mais progredir.



Sócias da NeuroMod, Valéria Salazar e Raquel Goldstein /Foto: Antonio Gomes, AMPE

Pré procedimentos

Os procedimentos envolvidos para a realização da neuromodulação seguem regras específicas que permite mais segurança para os paciente.

O paciente não se apresenta diretamente na clínica, ele tem que ser encaminhado por um profissional que conheça a técnica e suas indicações.

Antes da primeira sessão, o paciente é submetido a uma avaliação e responde a um questionário além de ser informado das contraindicações (implante metálico, gestantes, crise convulsiva), como em qualquer serviço, garantindo sua segurança.

“É importante que o paciente saiba que não é uma promessa de cura, mas sim uma tentativa de melhorar algumas funções perdidas pelas sequelas das doenças.” Informou a neurologista Valéria Salazar.

A melhora na qualidade de vida das pessoas estão interligadas a melhoria dos sintomas. Escovar os dentes, amarrar os cadarços, fazer a barba, procedimentos rotineiros para pessoas comuns, são ganhos para quem não os conseguia realizar.

A abertura dessa janela terapêutica deve ser utilizada e acompanhada passo a passo pelo profissional que indicou.

A Neuromodulação deve ser utilizado junto a outras intervenções, seja por procedimentos de reabilitação ou fármacos, e não isoladamente como a solução de problemas.

Um exemplo dado pelos profissionais da área é no caso onde a dor tem um componente afetivo muito forte, como na dor crônica. Nestes casos trata-se a via dolorosa e as regiões do cérebro relacionadas às emoções.

Finalizamos informando que esse procedimento só pode ser feito por profissionais pós-graduados e certificados na área de neuromodulação, garantindo maior segurança ao paciente e eficiência da técnica e consequentemente melhores resultados.

SIMPLICIDADE AO CUIDAR DA DOR

O ambulatório de dor do Hospital das Clínicas da UFPE, há anos, vem se notabilizando no diagnóstico e tratamento de dores agudas e crônicas de variadas naturezas: neuropáticas, miofasciais, inflamatórias e oncológicas. Ele conta com um dedicado grupo de médicos que se esmera no atendimento à população: Dra. Elba Lúcia Wanderley, Dra. Jocelene Tenório A. Madruga Godoi, Dra. Mayra Ferreira Solano Freitas, Dra. Vivian Silveira de Albuquerque Bastos e, o seu coordenador, Dr. Dirceu de Lavôr Sales. Todos com formação em dor.

Dirceu de Lavor entre seus pacientes do consultório de dor/ foto: Antonio Gomes - AMPE

Como o Sr. vê o ensino da dor pelas universidades?

A dor é um sintoma de enorme frequência na população e extremamente incomodativo. O seu alívio é um direito humano básico e negligenciá-lo parece ser moral e eticamente inaceitável. A OMS afirma que, devidamente tratados, cerca de 90% dos pacientes terão suas dores controladas. No entanto, essa não é uma realidade Brasileira. No Brasil, dados estatísticos indicam a existência de pelo menos 55 milhões de pessoas portadoras de alguma forma de dor crônica. Isso acontece por variados motivos: falta de uma política voltada para o tratamento da dor, desconhecimento dos profissionais de saúde, dificuldade na obtenção de medicamentos, inexistência de equipes multiprofissionais voltadas ao tratamento da dor. Na realidade, o que se verifica no nosso país é uma grande precariedade em relação a educação sobre a dor que, aliada a desinformação e insensibilidade da maioria dos nossos gestores de saúde, tem como produto final o sofrimento de um número enorme de doentes a perambular sem resultado pelos corredores dos nossos hospitais. Assim, o ensino desse tema nas universidades brasileiras se faz de fundamental importância, a fim de minimizar o enorme número de erros em relação ao diagnóstico e tratamento da dor. Ao contrário do que ocorre em grande parte das universidades brasileiras, na Universidade Federal de Pernambuco a cadeira “Bases do tratamento da dor”, já com mais de dez anos de existência, representa um novo e importante momento do ensino médico no nosso estado.

Vendo esta deficiência no ensino, que acaba por dificultar a vida de quem não tem muitos recursos, como o Sr. tem agido para levar essa luta de forma mais ampla?

Além do ensino para os alunos da UFPE e participação

efetiva em iniciativas vitoriosas como a liga de dor de Pernambuco, que falaremos a seguir, temos buscado incrementar o atendimento em dor no nosso estado. Durante o governo de Eduardo Campos, conversamos com o então Secretário de Saúde Fernando Figueira, e o entregamos uma proposta do projeto “Pernambuco sem dor”, que, entre as várias diretrizes, uma das mais significativas se referia a criação de núcleos de tratamento da dor nos hospitais do estado. A receptividade por parte do secretário foi excelente, tanto que ele disponibilizou duas pessoas da secretaria para nos ajudar. Infelizmente, logo em seguida, o governador morreu e o Dr. Figueira saiu do cargo. Nada mais aconteceu. Em nível nacional, o Ministério da Saúde tem o projeto “Brasil sem dor”, com um respeitável número de importantes informações, tudo muito bonito, mas na prática muito pouco resolutivo. Espero que um dia possamos vir a contar com a sensibilidade de nossos dirigentes e tenhamos condições de implementar medidas reais de alívio a dor dos nossos cidadãos.

Quais as dificuldades mais comuns enfrentadas pelo ambulatório?

As dificuldades são muitas, um bom número delas inerentes a conhecida precariedade do nosso serviço público. Já outras, se referem especificamente as peculiaridades de um serviço voltado para o tratamento da dor. Entre elas destacamos: 1- dificuldade de formação de uma equipe multidisciplinar e multiprofissional, fundamental para o bom andamento de um serviço dessa natureza, que deve contar como o apoio de médicos de outras especialidades, como neurologistas, ortopedistas, fisiatras, reumatologistas, anestesistas, além de profissionais como fisioterapeutas, enfermeiros, entre outros.

Já recorremos várias vezes à diretoria do HC, nas suas variadas gestões, na busca de um mínimo apoio nesse sentido, mas parecem existir dificuldades operacionais que impedem o acolhimento do nosso pleito. Não podemos, entretanto, deixar de agradecer a diretoria atual que, através de concurso público, possibilitou a contratação de três médicos com formação em dor e acupuntura. Há alguns meses, um deles alegando excesso de trabalho acabou pedindo demissão, desde então, tentamos em vão que um outro colega aprovado no concurso seja chamado, mas não temos tido sucesso; 2- Dificuldade de liberação de medicamentos voltados para o tratamento das dores crônicas, como antidepressivos, anticonvulsivantes, opioides; 3- número excessivo de pacientes com sobrecarga para os profissionais e queda na qualidade do atendimento. Hoje, recebemos pacientes encaminhados por médicos de todo o estado de Pernambuco. Na nossa última triagem, que acontece mensalmente, atendemos mais de sessenta pacientes; 4- Falta de suporte de profissionais da neurocirurgia funcional para os pacientes refratário ao tratamento convencional; 5- Falta de apoio e material para procedimentos como infiltração e bloqueios.

Quais os tipos mais comuns de dor que chegam ao ambulatório?

As dores mais comuns que chegam no nosso ambulatório, são: síndrome dolorosa miofascial, os variados tipos de cefaleias, fibromialgia, dores lombares, dores oriundas de distúrbios metabólicos e infecciosos, dores oncológicas, dores neuropáticas: dor do membro fantasma, dor do coto de amputação, dor da hérnia de disco, neuralgia do trigêmeo, neuralgia pós-herpética.

Um fato notório para os que fazem clínicas de dor é que a falta de acesso rápido aos serviços de saúde faz com que uma dor aguda não tratada adequadamente acabe por se cronicar gerando mais dor para o paciente e gasto para os serviços de saúde. Em algumas situações, pacientes passam um bom tempo na lista de espera, mas outro período à espera dos exames solicitados, e paulatinamente o quadro clínico vai se agravando.

Hoje vivemos numa rotina frenética e não dos damos conta de cuidar da postura, digitação, entre outros aspectos. Quais são as formas advindas desta nova realidade que chegam ao ambulatório?

Existe uma série de dores que poderíamos chamar de posturais que surgem pelo sentar ou andar inadequados, ao dormir, por atividades profissionais, pelo uso do computador ou do celular. Essa situação se complica quando aliada ao sedentarismo e ao excesso de peso. Nessas situações, o músculo e outras estruturas a ele ligadas, sofrem uma série de reações inflamatórias que geram dor e tensão. As pessoas e até alguns profissionais de saúde referem-se a presença de “nódulos” que, na realidade, são os pontos dolorosos miofasciais. Os melhores resultados para esse tipo de disfunção são obtidos com o tratamento através da acupuntura, fisioterapia, reabilitação postural, alongamento domiciliar, atividade física e terapia medicamentosa com relaxantes musculares e

analgésicos. O número de pacientes que nos procuram com esse tipo de dor é enorme, alguns deles, são obrigados inclusive a se afastarem de suas atividades profissionais. Grande parte desses problemas poderia ser eliminado ou pelo menos minimizado com iniciativas simples como orientação postural adequada, prática regular de atividade física, controle do peso, oferta de condições adequadas de trabalho. Mais recentemente, temos recebido um bom número jovens com dor na coluna vertebral, principalmente na cervical por conta do uso excessivo do celular e ou computador. Estudos recentes indicam que a falta de atividade física, a permanência na posição sentada por tempo demais e a posição deitada, são amigos íntimos de dores de várias naturezas.

E como tratar a dor que surge sem necessariamente de uma doença, a dor da emoção?

Dor e emoção, são situações inseparáveis, à medida que a dor crônica comprovadamente gera disfunções emocionais ao comprometer o sistema límbico e da mesma forma emoções desequilibradas geram dor. Não se pode dissociar as duas. Acredita-se que pelo menos 40% dos pacientes que tem dor crônica entram em depressão. Esse tipo de dor desencadeia alterações no sistema nervoso central que geram depressão. Já pessoas que na infância sofreram abusos sexuais, bullying, humilhações tem uma tendência bem aumentada de desenvolverem dor crônica na idade adulta.

A questão da chamada dor psicológica, é bem polêmica. A maioria dos profissionais com formação no tratamento da dor, acredita que a maioria das dores chamadas de psicogênicas, na realidade, trata-se de rótulos conferidos pelos médicos à dores que eles não conseguiram identificar uma causa. No entanto, não se pode negar a influência no agravamento das dores já estabelecidas, onde comprovadamente o estresse aumenta a intensidade e a frequência de um grande número delas: muscular, cefaleias, neuropáticas, entre outras.

Existe uma categoria de pacientes que se configuram em grande problema para os clínicos de dor, são os chamados simuladores. Isso ocorre principalmente em decorrência da situação atual da nossa população, que desempregada, desassistida, sem fonte de renda, começa a usar de artifícios no sentido de conseguir benefício financeiro para a subsistência. Um bom número chega aos nossos ambulatórios simulando dores para conseguir aposentadoria ou benefício, e nem sempre é fácil identifica-los.

Quais os tratamentos usados hoje para a dor?

Existe um grande arsenal terapêutico voltado para o tratamento da dor, infelizmente, boa parte dele não está disponível para a população de menor poder aquisitivo. Analgésicos simples, os anti-inflamatórios, os opioides fracos que são codeína, os opioides fortes, como a morfina, a metadona, os antidepressivos, anticonvulsivantes e anestésicos, se configuram nas principais drogas usadas em clínica de dor.

Também temos a acupuntura, que é uma excelente técnica para o tratamento da dor. Sempre digo para meus alunos: quem é especialista em dor, necessariamente deveria fazer

especialização em acupuntura e quem é especialista em acupuntura deveria fazer formação em dor. Existem ainda, outras variadas técnicas para o tratamento da dor: infiltrações, implantação de bombas de medicamentos como a morfina, infiltrações anestésicas, bloqueios neurolíticos, psicoterapia, fisioterapia, terapia ocupacional, técnicas neurocirúrgicas minimamente invasivas, neurocirurgias, entre outras. Infelizmente, boa parte dessas técnicas e procedimentos é de difícil acesso à população com menor poder aquisitivo. Já

tivemos paciente que cometeu suicídio por conta da dor, depois de ter esperado um longo tempo por um procedimento da neurocirurgia funcional.

As pessoas chegam aqui cheias de esperança dizendo “aqui eu vou ficar bom”. Nem sempre isso acontece, mas sempre buscamos da melhor maneira possível conseguir o alívio dos nossos pacientes. Em determinadas situações, é angustiante não conseguir os resultados esperados e ter que conviver com o fracasso terapêutico e a dor do paciente. É muito triste.

Liga de Dor de Pernambuco



Gabriela, Alexandre, Liana e Rosevaldo, estudantes da Liga de Dor de Pernambuco/ foto: Antonio Gomes - AMPE

Diferente de outras ligas, a nossa é bem abrangente com diversas especialidades uma média de sete. Não é só numa doença ou sem um órgão.

A Liga de Dor de Pernambuco (LDPE) foi criada em 2014, por iniciativa do neurocirurgião Francisco Nêuton de Oliveira Magalhaes, com o intuito de preencher uma lacuna na formação médica no que diz respeito ao estudo da dor. Conta com a participação de cerca de sete especialidades e cinco ambulatórios especializados no tratamento da dor em Recife (Hospital da Restauração-HR, Hospital do Câncer de Pernambuco-HCP, Hospital Barão de Lucena-HBL, Hospital das Clínicas-HC e Faculdade de Odontologia do Recife – FOP). Atualmente a liga está sendo coordenada pela dra. Claudia Marques, professora das universidades Federal de Pernambuco e Uninassau.

Para Liana Bandeira, estudante do segundo período da UNINASSAU, a experiência na liga e no ambulatório já é muito significativa. “Na faculdade eles priorizam outros assuntos, outros estudos não focando a dor. Focando só a doença e não a dor também. Isso vai melhorar muito no meu aprendizado.” afirmou.

“Na faculdade aprendemos a tratar das patologias, mas não

aprendemos a tratar a dor que vem junto com essas patologias. Essa oportunidade de fazer parte da liga é muito importante pra nós para que possamos ver o outro lado que vai beneficiar muito o paciente.” Complementou Gabriela Freire estudante da Faculdade Pernambucana de Saúde.

“Talvez pela dor ser algo tão presente ela seja negligenciada, ou mesmo subestimada, não se trata focalmente a dor você tira o holofote da dor e coloca na doença tentando sempre achar uma causa base para chegar a dor, mas não se pode negligenciar a dor. O que geralmente traz o paciente pra o médico é justamente a dor, e não a doença. O paciente fica postergando os sintomas da doença, mas quando a dor aperta é que ele vai ao médico.” Alexandre da UNICAP.

A experiência para Rosevaldo da UNINASSAU é válida pois na faculdade não se vê a dor o que acaba se acostumar a tratar apenas a doença. “Nos acostumamos e ver o paciente como um todo agora, além de acompanhar o paciente de verdade em contato direto, e esse retorno é que dá a felicidade de fazer parte da liga. E na liga discutimos casos que vão nos dar mais experiência quando formados.”



No Curso da história, Crônicas

Selma Vasconcelos

Este livro contém crônicas escritas pela autora sobre fatos históricos que interferiram, ao longo de uma década, e registra fatos que interferiram na vida da humanidade, a exemplo, entre outras, do ataque às torres gêmeas nos EUA, ou invasão de Iraque pelas tropas norte-americanas sob a égide do presidente Bush e toda a série de decorrências desastrosas desta ação militar norte americana. Ocorrências locais são contempladas como a tentativa de alienação para a iniciativa privada do terreno onde fica o casarão histórico do Hospital da Tamarineira, a questão da poluição do nosso rio Capibaribe, a seca secular que se abate sobre o Nordeste brasileiro, etc. Trata-se de uma contribuição à história por registrar ocorrências que fazem o acervo da memória nacional e internacional.

Condutas em Ginecologia

Edmund Chada Baracat

A obra, publicada pela Editora Atheneu, é resultado do trabalho de edição do diretor da Associação Médica Brasileira, Edmund Chada Baracat, que também é Professor

A elaboração do livro contou ainda com a participação de um coeditor, 22 editores associados, 102 colaboradores, sendo apresentada em 123 capítulos. Em suas 816 páginas, abrange as diversas áreas da Ginecologia: Ginecologia Geral, Ginecologia da Infância e Adolescência, Patologia do Trato Genital inferior, Ginecologia Endócrina, Climatério, Reprodução Humana, Endometriose, Urgências, Mastologia e Planejamento Familiar, sendo destinada não aos Ginecologistas e Obstetras em geral, como residentes em Ginecologia e, também, aos médicos de família.



Medicina Farmacêutica – Conceitos e Aplicações

João Massud Filho

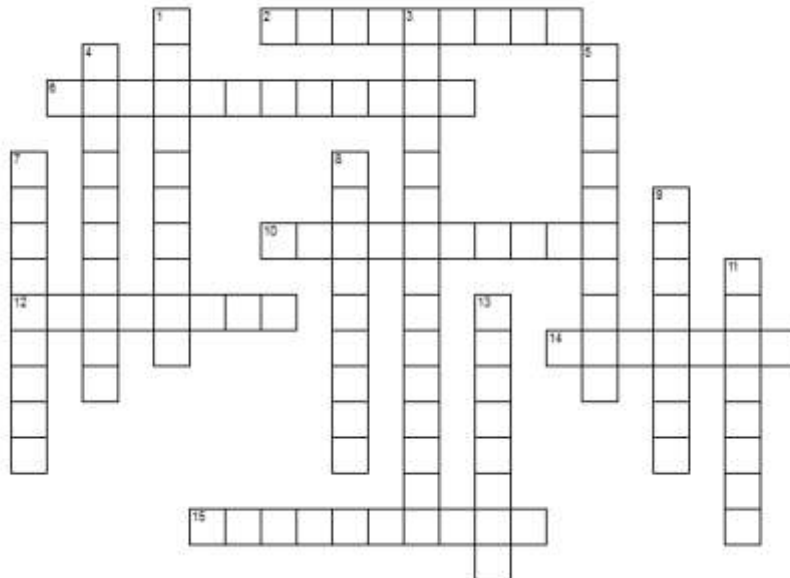
Neste livro, os diversos campos que cooperam na produção de novos medicamentos estão reunidos para produzir um conhecimento que contribuirá para esta nova área da Medicina e da Farmácia, criada para discutir os complexos caminhos do desenvolvimento de novas drogas, independentemente de sua origem – seja na síntese química, da natureza, biológicas ou cópias, sejam elas desenvolvidas pelo método clássico, com o uso da etno-farmacoe epidemiologia ou da pesquisa translacional.



Desafio



Gustavo Barros
Alves de Carvalho.



Horizontais

2. formam as fendas de filtração renais
6. endêmica na Amazônia
10. presente na bile
12. danos das hemácias quando colocadas em meio hipertônico
14. chamada paludismo, impaludismo ou maleita
15. prolongar artificialmente o processo de morte

Verticais

1. tracionados pelos músculos papilares cardíacos
3. Retirada cirúrgica da vesícula biliar
4. vômito de sangue
5. células perissinusoidais (de Ito)
7. punção venosa
8. elefantíase
9. enterramento
11. Característico da queimadura de segundo grau
13. Nome popular para a desomorfina na forma caseira

RESPOSTAS

filicena colesteolectomia inumação crenação venoclise hematímese colesterol distansia cordanas podocitos estreladas filarose malária febre amarela krokodil

Everton: médico e amigo

Everton Botelho Sougey tem a facilidade de se tornar amigo dos seus pacientes, o que é fundamental para o bom exercício da Medicina. Não por acaso, ele pratica a Psiquiatria, especialidade na qual a ligação médico-paciente é profunda, alcançando um forte componente transcendental e na qual a ética preside o ato médico. Na escolha da profissão ele teve a influência de sua mãe, “que sempre quis ter um filho médico”.

Ainda estudante, foi representante de turma e representou o Diretório Acadêmico junto ao Cremepe. Foi um dos fundadores da Sociedade dos Monitores da Faculdade de Ciências Médicas e participou de congressos acadêmicos e dos “Encontros dos estudantes de Medicina” (estes últimos tinham conotação política: era a luta pela Democracia, durante o regime militar). Everton jogou vôlei pela Ciências Médicas e por Pernambuco, nos Jogos Universitários. Ainda como estudante aproximou-se da Psiquiatria, frequentando o Hospital da Tamarineira e trabalhando com Wolgrand Vilela, seguidor da Escola de Gil Braz.

Formou-se em 1976, pela Faculdade de Ciências Médicas. Casou-se com Mariluce e teve dois filhos; casou-se uma segunda vez com Claudia Pires e tem uma enteada.

Estabeleceu ligação com o grupo do Professor José Lucena, no antigo Hospital Pedro II. Fez Residência Médica no Pedro II e logo após fez dois concursos, um em cada Faculdade: Foi o primeiro colocado em ambos. Abriu mão do concurso das Ciências Médicas e assumiu o da UFPE. Era o início de sua carreira universitária. A seguir, partiu para o Serviço do Prof^o Pierre Pichot, em Paris, onde se especializou durante mais de dois anos, fazendo o equivalente ao nosso Mestrado.

Everton voltou ao Recife, já para o H.C. da UFPE em Engenho do Meio (Serviço do Prof^o Galdino Loureto). Frequentou cursos e congressos, no Brasil e no Exterior e foi um dos fundadores da Sociedade Brasileira de Psiquiatria Clínica, que presidiu por 4 anos. Seguiu para São Paulo (Unicamp) para fazer o seu doutorado. De volta ao Recife, instalou seu exitoso consultório particular; integrou-se definitivamente à Psiquiatria da UFPE, já como Prof^o Assistente. Continuou desenvolvendo uma intensa profissão com a publicação de 131 trabalhos científicos e escreveu capítulos de livros.

Everton participou da vida associativa, no Departamento de Psiquiatria da AMPE (atual Sociedade Pernambucana de Psiquiatria) da qual é o atual presidente.

Em 2016 submeteu-se a exame de uma Banca Examinadora e conquistou o Título de Prof^o Titular de Psiquiatria da UFPE, com nota máxima.

Como todo médico, Everton Sougey participou das mais diversas situações envolvendo pacientes. Uma delas foi a seguinte: Um paciente, já com certa idade e noivo há 7 anos não tinha coragem de casar, e só entrou na igreja quando o seu Psiquiatra (Everton) concordou e se fez presente, transmitindo a segurança de que precisava o seu paciente e amigo.

Everton Sougey é, por formação e por merecida qualificação, um expoente da Medicina pernambucana.



Descontos exclusivos para associados em dia.
Os telefones para contato com a Distribuidora são
(81) 3038-7865 / (81) 99406-2818.



PARCERIA



AMPE
ASSOCIAÇÃO MÉDICA DE PERNAMBUCO

RIDOURO



SEU EVENTO COM A MELHOR IMAGEM

OS AUDITÓRIOS DA AMPE AGORA DISPÕEM DE MODERNOS
PROJETORES COM ENTRADA HDMI

AUDITÓRIO OCTÁVIO DE FREITAS

CLIMATIZADO E CAPACIDADE PARA 200 LUGARES,
CONTA COM COPA, BANHEIROS INDIVIDUAIS E
PROJETOR NO TETO.



AUDITÓRIO EUSTÁQUIO GOMES

TOTALMENTE REFORMADO, CLIMATIZADO COM
CAPACIDADE PARA 60 LUGARES, CONTA COM COPA E
BANHEIROS INDIVIDUAIS E PROJETOR



HALL

CLIMATIZADO E COM AMPLO
ESPAÇO PARA EVENTOS, COPA E
BANHEIROS INDIVIDUAIS



MAIS DETALHES E VALORES:

FONE: 3423-5473 / 3423-0805 / EMAIL: somepe.ampe@hotmail.com



/ampe_med



@ampe_med



/associação médica de pernambuco